

Entre peitos, “necas” e *bundas*¹

Por: Tiago Duque

Desculpem-me os mais recatados, mas, farei uma reflexão a partir de termos ênicos (próprios de um grupo) do “babado” (do meio GLS – Gays Lésbicas e Simpatizantes). As *bichas* as quais me referirei são aquelas que costumam chamar mais a atenção por sua postura de exposição: as travestis. Poderia até me referir às transexuais, aquelas que desejam operar (adequar seu órgão genital a sua identidade feminina), mas são “os travecos” (termo grosseiro, muitas vezes utilizado de forma preconceituosa) que me diz respeito. Por peito e manter a “neca” (o pênis), entre outras coisas, é o que as caracterizam.

A exposição se inicia normalmente na adolescência, aí é “uó” (complicado, ruim) porque a escola não sabe lidar com essa ousadia intrínseca a essa identidade. Elas transformam a aparência de “ocó” (homem) em uma estética de “amapô” (mulher); levam alguns meses, custa muito “aqüé” (dinheiro) e as colocam em vulnerabilidade devido a aplicação do silicone líquido em várias partes do corpo e a utilização de hormônios femininos sem prescrição médica. Mas, além de fundamental necessidade enquanto construção identitária e por não quererem se “deitar” (rebaixar) umas para as outras, muitas “fazem” ou “montam” (termos utilizados em relação às mudanças estética que sofrem) o corpo de forma cada vez mais próximo do que sonhamos para as mulheres, por exemplo, peitos e *bundas* fartas. Bem, por isso, os “bofes” (homens másculos e ativos sexualmente) caem em cima, sentem-se muito atraídos por elas, reforçando assim sua identidade e estética feminina. Porém, têm as “mariconas” (denominação do grupo aos homens passivos sexualmente, independentemente de serem másculos), que as procuram para se deliciar com seus membros sexuais, o que as fazem se sentir muito homens. Como temos imensa dificuldade, devido a inúmeros fatores, em aceitarmos nossa própria diversidade, digo própria porque em tese somos todos humanos, acontecem as reações preconceituosas e violentas, inclusive do próprio meio GLS. Mas, os “alibãs” (policiais) têm sido um exemplo bastante contundente nas falas das travestis profissionais do sexo aqui em Campinas devido ao desrespeito e intolerância dirigidos a elas. No entanto, as travestis têm me surpreendido em meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) pela forma estratégica, construída coletivamente e historicamente, de sobrevivência às mais terríveis situações de perigo e ameaça. Costumam se utilizar de um dialeto de origem africana, o “bajubá”, para se comunicarem e garantir proteção diante de determinadas situações. Muitas dessas palavras eu tenho empregado nesse texto. Existem muitas outras, por exemplo: “edi” (ânus), “aqüendar” (esconder), “jeunzá” (almoçar - jantar) e “picumã” (peruca).

Durante algumas décadas utilizavam também de uma técnica de auto-defesa bastante complexa. Permaneciam com uma lâmina de barbear (“Gillette”) na boca, caso fossem levadas a delegacia, retiravam a lâmina da boca e cortavam os braços e parte do próprio pescoço. Tais gestos, devido ao sangue travesti estar diretamente relacionado à AIDS, serviam de ameaças aos policiais e aos presidiários que tentavam violentá-las

Hoje, têm se buscado outras inúmeras formas de se organizarem e reivindicarem os seus direitos. É admirável o número de organizações e seus trabalhos voltados a cidadania travesti por todo o Brasil e América Latina. As oficinas desenvolvidas no último Fórum Social Mundial são provas disto. Então, proponho que tenhamos um olhar sensível e científico para começarmos a compreender que, entre peitos, “necas” e *bundas*, há todo um conjunto de valores morais e simbólicos, um sistema muito particular de se relacionar na sociedade, além de um grande exemplo de construção da cidadania ao longo dos anos, independentemente do preconceito e das tentativas de ridicularização que essa população tem sofrido nos mais diversos ambientes de nossa sociedade.

Obs.: Quem quiser conhecer algumas de minhas amigas travestis, me escreva. A aproximação e a convivência pode ser um caminho para a eliminação do preconceito.

¹ DUQUE, T. Entre peitos “necas”, e *bundas*. *Jornal Humanas em Debate. Informativo dos Estudantes do Centro de Ciências Humanas da PUCCAMP*. Campinas/SP. p.3 2ª quinzena de maio de 2005.